



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1157

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA *MENINO DE ENGENHO*: UM TEMA PROBLEMÁTICO PARA O ROMANCE DE 1930

EDILON DE FREITAS DOS SANTOS¹

O presente artigo problematiza a inserção do negro como tema\personagem principal na tradição literária da década de 1930, identificando como o regionalista paraibano José Lins do Rego na obra *Menino de Engenho* (1932) conduziu e representou o outro. Assim, ao fazermos análise da narrativa acreditamos na possibilidade da literatura ser um elemento de compreensão da realidade social brasileira de tempos passados. Tendo como premissa a hipótese de que *Menino de Engenho* pode ser tomado como um importante revelador das tensões socioculturais no nordeste do pós-abolição. Para tanto, vislumbramos algumas facetas do circuito intelectual próximo do romanancista, com vistas para a relação dinâmica que ele mantivera com o sociólogo Gilberto Freyre e que certamente influenciou fortemente nas representações construídas acerca da população de cor. Verificaremos o papel da memória do escritor para compreender em que medida seu passado patriarcal debitou traços na condução dos personagens. Além, dessas questões analisamos ligeiramente algumas polemicas estéticas e políticas travadas pelo romancista ao longo de sua trajetória.

Introdução/Justificativa

A relação entre História e Literatura tem sido um tema frequente de debate entre os historiadores nos últimos anos. A literatura que até a segunda metade do século XX era desqualificada como material de inquirição passa a ser utilizada com maior profusão pelos historiadores de ofício a partir dos anos de 1970, essa

¹ Aluno do Programa de Mestrando Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas - UFRB.

tendência aparece como reflexo de um amplo movimento de alargamento das possibilidades temáticas e renovação das práticas historiográficas.

O presente ensaio pretendeu estudar a forma que José Lins do Rego representou/apresentou o negro no livro *Menino de Engenho* (1932), bem como, os problemas práticos dessa representação entendida como inovadora por uns, e sob o prisma conservacionista por outros. Esse objetivo fundamental de estudo fora perseguido mediante a análise da trajetória sexual do personagem em sua relação dinâmica com os negros e negras do eito. *Carlinhos* desfrutava de um elevado grau de liberdade sexual e sua interação com os negros do engenho do seu avô *Coronel José Paulino* esse, portanto, constitui-se no ponto central da investigação.

O aporte teórico de Candido, (1975) apontou aos historiadores da literatura a possibilidade de substituição do critério de alta seletividade pelo de leitura extensiva. Foi esse olhar extensivo na produção literária de 1930 que possibilitou a visualização da influência profunda que ela deixou na produção subsequente. Para Candido em poucos momentos da história da produção literária nacional se teve tanto conhecimento da função histórica da ficção.

Metodologicamente o estudo do texto literário como fonte primordial de questionamentos é tecido no entrecruzamento de visões integrativas do fenômeno literário, com aberturas interdisciplinares, utilizando a literatura, cuja matéria narrativa fundamental foi o negro e seus modos na sociedade brasileira da década de 1930, tomando por base os registros já realizados pela historiografia literária referente ao período. Integrando à pesquisa histórica elementos característicos da trajetória intelectual e pessoal do autor da obra selecionada para estudo, visando relacioná-los com a História Social do Brasil.

Naturalmente, essa opção metodológica exigiu de um lado a reconstrução de parte do debate intelectual no contexto em que se insere a obra, por outro, a circunscrição da trajetória de José Lins do Rego no processo social mais amplo diluindo parcialmente a figura do autor, mas resgatando nexos de sua vida e das relações intelectuais que serviram de subsídios para as análises do objeto.

A dificuldade de se lançar sobre a análise de uma obra cânone é certamente enorme, entretanto, a motivação de vislumbrar facetas não vislumbradas, bem como, o desejo de contribuir para reforçar a compreensão da magnitude da obra de José Lins do Rego nos motiva em tarefa tão árdua. Pretendemos, portanto,

contribuir para ampliar o mosaico de interpretações e abordagens a cerca da(s) obra(s) de José Lins do Rego.

Bueno, (2006) coloca que a contribuição dos romancistas de 1930 se deu tanto na ampliação do leque temático quanto na elevação de novos tipos sociais como protagonista dos romances brasileiros. Houve nesse momento uma elevação constante do proletário, do homossexual, da mulher, da criança, do desequilibrado mental que passaram a figurar como personagens centrais das histórias contadas em 1930. Esse é um ponto fundamental na produção literária de 1930 que se verifica na produção Jose Lins do Rego.

Essa é uma questão fundamental para a literatura de 1930: como representar o outro até então marginalizado? Não obstante lembrar que a intelectualidade encarregada de pensar e representar o outro eram na grande maioria proveniente dos quadros dos antigos grupos médios ou da aristocracia em decadência. Esse dilema foi comum a muitos dos representantes dessa literatura. Nesse sentido a experiência de Jose Lins do Rego se constitui em um lugar privilegiado para a formulação dessa compreensão.

O passado Patriarcal de José Lins do Rego e a relação com Gilberto Freyre

A decadência da estrutura do patriarcado rural do nordeste canavieiro ficara visível na experiência social das classes dominantes (as oligarquias de senhores de engenho). Esse quadro social pode ser tomado como o traço essencial que organiza as práticas; as relações e as normas sociais no período que se inicia no final do século XIX e estende-se até meados da década de 30 do século seguinte. Tal principio de organização segundo Chaguri (2007) pode ser evidenciado tanto na composição do todo quanto nas partes, no modo como o romancista organiza a matéria a fim de torná-la inteligível.

Acreditamos que os caminhos investigativos apresentados por Chaguri, (2007) são importantes no sentido que aponta dimensões fundamentais de compreensão e análise do objeto. Sendo assim, tendemos a acreditar que o retorno de Gilberto Freyre com suas ideias tenha sido um evento fundamental para os caminhos que tomaram a produção intelectual (literatura) do nordeste, entendemos

que os dilemas sociais e econômicos decorrentes da decadência dos engenhos e da estrutura patriarcal, articulado ao retorno de Gilberto Freyre em 1923 após temporada de estudos nos Estados Unidos e na Europa são elementos que darão indícios para a interpretação da posição estética e ideológica assumidas por José Lins do Rego frente à representação do negro em seu romance inicial. Não obstante lembrar que é em meio a esse cenário que o até então cronista José Lins do Rego inicia sua amizade com o sociólogo Gilberto Freyre.

Em 1923 ocorreram dois acontecimentos importantíssimos na vida de José Lins do Rego: a formatura e o encontro com Gilberto Freyre, sendo que este último foi responsável por um novo posicionamento intelectual do romancista, como podemos observar em suas palavras:

Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá, a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. Pode parecer um romance, mas foi tudo realidade. Para mim tivera começo naquela tarde de nosso encontro a minha existência literária. (REGO. In: CASTELLO, 1961: 88).

Em entrevista a Moema D'Andrea Freyre afirma ter encontrado José Lins do Rego atolado num jornal panfletário e afirmou ainda ter tido um papel fundamental nas alterações nas posições estéticas do autor de *Menino de Engenho*:

(...) bem, ele tomou inteiramente outro rumo, ele repeliu, brigou com Osório, Osório brigou com ele. E era um jornal dessa espécie que recebia dinheiro para atacar. Tinha um lado ético, em que eu sinto que o José Lins do Rego tivesse se deixado meter. Eles se atacavam servindo-se de certos políticos contra outros, recebendo quantias que não deviam receber. Não era jornalismo independente. Agora, a renúncia de José Lins do Rego a esse espécie de popularidade que ele estava gozando, através desse panfletarismo, é uma das mais belas coisas na vida desse meu amigo. (D'ANDREA, 1992: 24)

Tais informações são confirmadas pelo próprio José Lins do Rego que assumiu em vários escritos ter mudado os rumos de sua produção, pois passou a ver o Brasil não como um *cotidiano vulgar*. Mais que isso, José Lins do Rego afirmou que as sugestões de Gilberto Freyre não incidiram apenas sobre ele mais sobre todo o circuito intelectual do Recife.

A convivência com Gilberto Freyre e os demais integrantes do grupo do Recife foi interrompida por uma mudança de José Lins do Rego para Minas Gerais, após seu casamento. Em Manhuaçu/MG, Rego ocupou a função de promotor público durante um ano. Depois se transferiu para Maceió, ocupando o posto de fiscal de banco durante nove anos. Aí conviveu com escritores como Graciliano Ramos, Jorge Lima e Rachel de Queiroz. Também em Maceió inicia sua atividade de romancista em 1932, ao tentar produzir uma novela em que no primeiro capítulo abordaria a sua infância ambientada nos canaviais, acabou resultando no romance *Menino de Engenho*.

Por volta de 1931, José Lins de Rego já havia escrito os originais de *Menino de Engenho*, lançando-se, então, na tarefa de publicar a obra. Para tanto, procurava editores de São Paulo ou do Rio de Janeiro que se interessassem pelo romance, numa tentativa de fazer a obra circular para além de sua região de origem. Em 1932 o livro começa a circular e mesmo com as vendas prejudicadas pela deflagração da Revolução Constitucionalista, que fechou o mercado paulista.

José Lins do Rego inicia sua carreira como escritor publicando crônicas e ensaios que ganharam destaque no início da década de 1920, sempre polemizando sobre o Modernismo de São Paulo, seus escritos eram publicados por meio do semanário *Dom Casmurro* e no *Jornal do Recife* e *Diário Paraibano*² mesmo quando José Lins inicia sua atividade de romancista não abandonou sua produção inicial publicando vários livros de ensaios e crônicas³.

Para Freyre a recuperação da infância pelo romancista foi um dos principais aspectos de sua obra. Segundo o sociólogo pernambucano foi justamente esses aspectos rechaçados por parte da crítica que deu contornos interessantes a obra singular de Rego.

Aprendeu José Lins a ver sob uma nova luz aspectos da vida brasileira de Província e da própria natureza humana, por ele talvez considerados até então banais e desprezíveis. Inclusive sua própria e preciosa experiência de menino: menino de engenho. Ávido de

² Mais informações sobre o semanário *Dom Casmurro* e os jornais na Fundação Gilberto Freyre. O acervo da fundação pode ser acessado presencialmente ou em ambiente virtual através do site: : www.fgf.org.br.

³ Livros de ensaios e crônicas (algumas de viagem) como *Gordos e Magros* (1942); *Poesia e Vida* (1945); *Roteiro de Israel* (1951); *Bota de Sete Léguas* (1952); *Homens, Seres e Coisas* (1952); *A Casa e o Homem* (1954); *Presença do Nordeste na Literatura Brasileira* (1957); *Gregos e Troianos* (1957) e *O Vulcão e a Fonte* (1958 – edição póstuma).

recuperar a infância perdida comuniquei ao amigo fraternal esse fervor de recuperação que eu trazia do estrangeiro e que inspirara minha tese de formatura em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Columbia. Donde me senti um tanto colaborador de alguns dos primeiros romances de José Lins: romances ao mesmo tempo tão realistas e tão líricos, tão lucidamente objetivos e tão pungentemente introspectivos em suas aventuras de recuperação do menino pelo homem que eram e são as aventuras que mais me tem empolgado. (FREYRE, 1953)

Para Freyre, a principal questão a ser enfrentada quando se analisa a obra do romancista paraibano é o problema de ser o autor portador de uma vasta memória: a do passado, da vida, dos dilemas do nordeste. A memória de José Lins do Rego é dinâmica no sentido que ele aciona na sua produção não apenas o que viu, mas, sobretudo o que viveu. Freyre também argumenta que mesmo quando apenas revive pela memória, José Lins faz com que os acontecimentos quase se movam novamente diante dos olhos do leitor porque é um “escritor por instinto e não apenas por afirmação, que assimilou por empatia o mundo que conseguiu recriar fazendo-se ponto de confluência de várias vidas e de vários passados”⁴

Trajetória sexual de Carlinhos: os negros como iniciadores sexuais do menino de engenho.

Carlinhos tinha desejos por sua professora que nutria por ele um carinho de filho. Nessa fase da descoberta dos caminhos do amor o *Zé Guedes* aguçava os desejos do menino com suas histórias de amor e sexo. Era comum aos meninos do engenho presenciar a copulação entre touros e vacas. Ali se iniciava nos mistérios do sexo, antecipando-se no amor. Uma vez banalizada a reprodução animal se seguia a banalização do sexo. Esse ponto é fundamental, pois insere categoricamente o nosso problema de análise e nos permite perceber como a posição de *Carlinhos* neto do senhor de engenho lhe permitiu um livre trânsito sexual com a população negra do eito.

Isso se torna por demais revelador ao considerarmos que o menino não era alheio à condição social dos moradores da senzala, tinha consciência do seu lugar e do lugar deles. As brincadeiras e as incursões sexuais eram momentos de

⁴ A Propósito do Memorialismo de José Lins do Rego. Diário de Pernambuco. Recife, 7 nov. 1950. Disponível em: www.fgf.org.br - Acesso em: 2012.

mobilidade social, momento em que a casa grande se adentrava no universo de habilidades dos moleques, nesse momento eles eram senhores da liberdade. *Carlinhos* comenta que eles, da casa grande, sempre estavam atrás dos moleques enquanto brincavam, pois os moleques do eito sabiam nadar melhor, andar a cavalo com mais destreza e não precisavam de autorização para sair.

Carlinhos contraiu uma doença que lhe deixará sem fôlego e diminuiu a possibilidades de convívio com os moleques, o mais interessante é que a partir desse o personagem toma relativa consciência de sua promiscuidade sexual e até se reprimia. Para, além disso, mas fundamental é compreender o papel que os negros e negras do eito assumem, para *Carlinhos* a sua promiscuidade é herdeira da indecência daqueles homens e mulheres que lhe colocava frente à experiências moralmente ilícitas.

A visita de umas parentas do Recife fez o coração do menino *Carlinhos* bater forte novamente. *Maria Clara*, menina da cidade era um pouco mais velha que ele. A menina contava para ele cenas de amor entre os heróis do cinema. Nesse momento era minimizado o tom sexual que fora o fio condutor do personagem *Carlinhos*. Afinal, dessa vez seu objeto de desejo não era uma negra e sim uma “semelhante” a qual tinha que demonstrar o mínimo de respeito e pudor.

“Um dia me chamou para ver uma coisa: o canalha do curral estava em amor livre, num canto da cerca. Tirei a minha namorada dali. Aquilo era porcaria para seus olhos limpinhos. E o meu amor crescia, dilatava o meu verde coração de menina” (REGO, 2004: 123)

Os dois momentos que a palavra “amor” aparece ligada aos anseios de *Carlinhos* do outro lado encontrasse uma mulher branca do seu meio social. Mostrando a impossibilidade do transito amoroso entre os da casa grande e os da senzala.

Na narrativa o personagem *Carlinhos* apresenta indubitavelmente uma sexualidade precoce com um desenvolvimento que antecipa ao próprio desenvolvimento biológico e encontrou nas negras e negros do engenho do seu avô o campo propicio para suas práticas. A figura da mulher de cor aparece doravante estereotipada. A negra *Luiza* aparece como uma espécie de anjo mau que perverte

a alma límpida de *Carlinhos*. A ausência da religiosidade⁵ aparece na narrativa quase como uma absolvição do menino pelos seus delitos sexuais.

“... Eu era um menino sem contato com o catecismo. Pouco sabia de rezas. E esta ausência perigosa de religião não me levava a temer os pecados. Muito depois, essa miséria de sentimento religioso se fez refletir por toda minha vida, como uma desgraça. A moleca me iniciava, naquele verdor de idade, mas suas concupiscências de mulata incendiada de luxúria. Nem sei contar o que ela fazia comigo. Levava-me para os banhos de beira de rio, sujando a minha castidade de criança com os seus arrebatamentos de besta. A sombra negra do pecado se juntava aos meus desrespeito de menino contrariado. Para mais me isolar da alegria imensa por toda parte” (REGO, 2004: 130)

Nada raro a relação que *Carlinhos* estabeleceu com a negra *Zefa Cajá*, a grande mundana, era uma espécie de troca de favores sexuais, revelando a representação promiscua construída a cerca da mulher negra. O menino frequentemente trocava carne, queijo e outros gêneros alimentares por caricias das negras.

“(...). Foram dizer ao meu avô:
- O menino não sai da casa da rapariga.
O velho José Paulino então passou-me uns gritos:
- Se não fosse pra semana pro colégio dava-lhe uma surra.
Mas não fez o barulho que eu esperava. Para estas coisas o velho olhava por cima. A sua vida também fora cheia de irregularidades dessa natureza. Quando brigou com o tio Juca por causa da mulata Maria Pia, ouvia a negra Generosa dizendo na cozinha;
- Quem fala! Quando era mais moço, parecia um pai-d'égua atrás das negras. O seu Juca teve a quem puxar.” (REGO, 2004: 143)

A trama que rodeia a personagem *Zefa Cajá* e demais negras é com certeza reveladora do constante das práticas sexuais dos senhores com os negros. A passagem a seguir revela facetas de uma sociedade em que era bastante comum tal liberdade sexual nas relações entre negros e brancos reforçando a suposta promiscuidade da população de cor.

⁵ A religião no engenho Santa Rosa era tortuosa e pouco convencional, lá não existia capela como nos demais engenhos e seu avô o Coronel José Paulino não era devoto e nem ia às missas. Não acredito que o fator religioso tenha sido determinante para o afoitamento sexual de *Carlinhos*, mas a ausência ou imprecisão da noção de pecado contribuiu para a liberdade sexual de que desfrutara. Além disso, justifica perfeitamente as atitudes sexuais do menino frente às negras tornando-as única culpada por desencaminhar *Carlinhos* que era “puro e ingênuo”.

“Mas eu tinha que pagar o meu tributo antecipado ao amor. Apanhei doença-do-mundo. Escondi muitos dias do povo da casa-grande. Ensinaram-me remédios que eu tomava em segredo na beira do rio. Dormia no sereno a goma com açúcar para os meus males. Não melhorava. E por fim souberam na casa-grande. Foi um escândalo: - Daquele tamanho e com gálico! Botaram Zefa Cajá na cadeia, e eu, desconfiado com vergonha de olhar o povo. (...)” (REGO, 2004: 143)

Considerações Finais

A história do menino de engenho é das primeiras a ousar na década de 1930 a compor um enredo, cujo, tema e personagens de primeiro plano são figuras negras, foi, portanto, a tentativa de compreensão das emblemáticas relações que se erigiam em torno dos antigos engenhos no pós-abolição, sobretudo, nas práticas sócio sexuais a grande motivação desse ensaio.

A reconstrução de parte do circuito intelectual próximo de romancista paraibano José Lins do Rego possibilitou concluirmos com margem de tranquilidade que sua obra fora fortemente influenciada pelas representações a cerca da população de cor construídas pelo sociólogo Gilberto Freyre. Naturalmente essa “influência” não se dá em termos de determinismo, uma vez que, a pesquisa nos arremeteu para relação dinâmica entre eles, na medida em que reflete antes conjecturas e relações pessoais que por vezes convergem em discussões e colocação no âmbito da intelectualidade.

Freyre apresenta-se claramente como contribuinte no processo de lapidação tanto da própria concepção estética que José Lins do Rego assume ao longo de sua obra como na forma como ele conduz e representa seus personagens. A sexualização é certamente de longe o traço mais flagrante no enredo de *Menino de Engenho*, não obstante as peripécias sexuais do menino *Carlinhos* dá cor e ritmo a história do engenho, dos senhores e agregados.

Menino de Engenho, romance de estreia de José Lins do Rego, certamente inova numa série de aspectos especialmente nas questões formais. É notória a utilização de uma linguagem essencialmente popular, quase que oral. Sua narrativa

fluida por vezes confundida como mera narração da sua vida, de suas vivências familiares e particulares. Como nas palavras de Cordeiro, (2010) o romance de José Lindo do Rego não é de tudo memórias ou descrições fidedignas do real, uma vez, que a literatura como bem sinalizou Candido, (2000) é antes e necessariamente a fuga do real. Entretanto, é também notório a imersão em memória como forma de suscitar suas vivências, experiências, sentimentos, gostos e desejos e é nesse sentido que ele se utiliza da matéria vivida como formas de construção de suas representações de grupos sociais e momentos da história. Assim, ao contrário do que foi muitas vezes apontado pela crítica, o nosso escritor não recupera o passado através da memória, mas, sim, o reinterpreta através de sua criação literária.

Há na narrativa de *Menino de Engenho* uma noção nostálgica do passado recente, das estruturas de uma sociedade escravista, que formalmente perde o *status* de escravista, mas, cujos, vestígios permanecem inabalados na moral e nas relações sociais. Desse modo, as práticas sociais articuladas pelos mais diversos agentes são apreendidas à luz daquilo que o romancista julga ser o processo social em curso. Analisamos, assim, uma narrativa que busca pensar o Brasil a partir de uma das suas regiões, tendo na recuperação do passado e na defesa da tradição patriarcal seus eixos centrais.

No equacionamento entre o que é lembrado e o que é esquecido, José Lins do Rego opera uma recuperação do passado que busca explicar o presente, em seus dilemas e disputas, e não simplesmente negá-lo. Desse modo, ao contrário do que se tornou lugar comum na crítica, a recuperação do passado por parte do romancista revela mais do que apenas uma memória fantástica, antes, permite perceber algumas escolhas, entre elas, a defesa da região Nordeste, e particularmente, de Pernambuco como o lugar da expressão mais autêntica dos costumes e das tradições brasileiras.

Certamente *Menino de Engenho* é um romance que pode ser lido como narrativas sobre as formas de autoridade no interior dos engenhos, revelando vários olhares sobre aquele universo: ora o grande senhor; ora as mulheres; ora os mestres de ofícios; ora os escravos; ora os meninos e seu par oposto, os moleques. Olhares que vão se modificando em paralelo às transformações sociais narradas da progressiva conversão das casas-grandes em sobrados, bem como, das diversas faces assumidas pelo trabalho livre após a Abolição. Embora, as relações humanas

persistam na submissão e dependência de um grupo social (ex-escravo) a outro (senhores), esse noção de apego ao passado patriarcal e escravista é vivenciada na condução das questões do sexo, construindo e reconstruindo um tipo estereotipado de negro, ex-escravo que em nada ou em muito se diferencia dos tempos de cativo.

A conclusão provisória que chegamos não trata de promover uma revisão radical nas considerações já elaboradas pelos acadêmicos e críticos literários no que tange a inegável inovação dos romancistas de 1930, grupo no qual se insere José Lins do Rego, mas antes pretende fazer um ajuste. As pesquisas nos direcionaram a compreender que a aclamação da obra do romancista como algo inovador, no sentido que ousa pioneiramente impor a presença de personagens negros como temas centrais de suas narrativas é, de fato, procedente, entretanto, vale esclarecer que a emergência do negro como tema\personagem central da(s) obra(s) não destituiu em absoluto os estereótipos construídos outrora pela literatura nas representações formuladas a cerca da população de cor.

Referências

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz: Casa-grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. São Paulo: Ed. 34, 1994.

BUENO, Luís. **Uma História do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2v.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, Regionalismo e Tradicionalismo**. Campinas, SP: [s. n.], 2007 (Dissertação de mestrado).

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CORDEIRO, Carla de Fátima. **Pelos olhos do menino de engenho: os personagens negros na obra de José Lins do Rego**. Dissertação (Mestrado) Marília, 2010.

D'ANDREA, Moema. A Tradição Re (des)coberta. Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 1992, p.24

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **José Lins e o Recife. Diário de Pernambuco**. Recife, 20 jun.1953. Disponível em: www.fgf.org.br - Acesso em: 2012.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

_____. **Notas sobre Gilberto Freyre.** In: FREYRE, G. *Região e Tradição.* RJ: Record, 1944

SANTOS, Gladson de Oliveira. **José Lins do Rego e a modernização da economia açucareira.** Aracaju: Universidade Tiradentes, 2010. (Dissertação de Mestrado).

SÍTIOS

<http://www.fundaj.gov.br>

www.fgf.org.br